

Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
QUEM LUTA ABSTRATAMENTE? Impasses do antagonismo social em face da crise da sociedade do valor			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Joelton Nascimento	Universidade Federal de Mato Grosso	UFMT	Professor Adjunto
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Este trabalho parte do problema intensamente debatido no pensamento marxista e pós-marxista contemporâneo da relação entre a crítica do valor e da análise crítica dos antagonismos sociais. Os argumentos alinhavados, todavia, se focarão na obra do historiador e filósofo social Moishe Postone – um clássico da assim chamada Nova Crítica do Valor, e que foi recentemente publicada no Brasil, chamada <i>Tempo, Trabalho e Dominação Social</i>. Esta obra será problematizada à luz das considerações críticas do filósofo esloveno Slavoj Žižek que aparecem no livro <i>Vivendo no Fim dos Tempos</i> sobre algumas teses de Postone. Nessa leitura žižekiana de Postone começa a emergir um problema que, a nosso juízo, toca no cerne tanto conjuntural quanto estrutural de nosso tempo histórico: os antagonismos sociais aguçados pela crise sistêmica da sociedade fundada na mercadoria, no valor e no trabalho.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Crítica do valor; Slavoj Žižek; Moishe Postone			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>This paper starts on the intensely debated issue in Marxist thought and contemporary post-Marxist critique of the relationship between value and social antagonism analysis. The tacked arguments, however, will focus on the work of the historian and social philosopher Moishe Postone - a classic of the so-called New Critique of value which was recently published in Brazil, called <i>Time, Labor and Social Domination</i>. This work will be discussed in the light of criticism of the Slovenian philosopher Slavoj Žižek considerations that appear in the book <i>Living in the End Times</i> about some of the Postone theses. In this žižekian reading of Postone begins to emerge a problem that, in our opinion, goes to the heart both cyclical as structural of our historical time: the social antagonisms heightened by the systemic crisis of society founded on merchandise, valued and at work.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Value Critique; Žižek; Postone			
EIXO TEMÁTICO			
1 – Teoria do valor e antagonismo social			

QUEM LUTA ABSTRATAMENTE?

Impasses do antagonismo social em face da crise da sociedade do valor

Joelton Nascimento

Introdução

Em Astronomia, diz-se que ocorre uma *paralaxe* quando a relação de um objeto com seu plano de fundo parece se alterar quando a linha de base do observador se move. Isto é, quando a linha de base do observador muda, tem-se a *aparência* de que a relação do objeto com seu plano de fundo também se altera. A palavra vem do grego [παράλλαξις] e significa *alteração*.

Slavoj Žižek (2006), na esteira do filósofo e arquiteto japonês Kojin Karatani (2003), utilizou essa expressão para sugerir que o marxismo também é atravessado inteiramente por uma paralaxe. Žižek sugere que existe no marxismo uma paralaxe entre economia e política. Isto significaria que, a depender destas duas “linhas de base” de observação, o da crítica da economia e a do antagonismo político, vemos objetos *aparentemente* distintos ao emprendermos uma crítica do capitalismo. Em outra oportunidade, pudemos desenvolver alguns aspectos desta instigante indicação do filósofo esloveno (NASCIMENTO, 2014). Já pudemos observar naquela oportunidade a importância do problema da paralaxe entre a crítica da economia e a análise do antagonismo político para se pensar efetivamente sobre um tempo de “crise sem fim” (Foster & McChesney) ou de “longa tempestade perfeita” (Arantes) que atualmente vivenciamos. A paralaxe entre economia e política, conforme concluímos no texto já citado, incide de modo assimétrico na teoria marxiana, uma vez que a “linha de base” de sua perspectiva é predominante a *crítica da economia política* muito mais que uma crítica socioantagônica, como sustentam ainda alguns de seus críticos e apologistas.

Quero continuar esta reflexão aqui sustentando as seguintes hipóteses: 1) em Moishe Postone, a teoria crítica marxiana é “enquadrada” em sua devida “linha de base”, e pode aparecer nitidamente como crítica da economia e, apenas secundária e derivadamente como analítica socioantagônica; 2) isto se dá, pois, a matriz da reconstrução da teoria crítica marxiana promovida por Postone parte do tratamento da *contradição do capitalismo* ao invés do *antagonismo no capitalismo*; 3) embora reconheça os argumentos de Postone, Žižek ainda permanece fiel a uma orientação althusseriana, que lê Marx sempre na chave de uma analítica da luta de classes, isto é, em uma matriz política e socioantagônica, e isto resulta em uma oscilação em relação à paralaxe anticapitalista por ele mesmo descrita e apresentada como problema; 4) um correto encaminhamento deste problema é uma condição imprescindível para a crítica do capitalismo em decomposição que vivenciamos.

A contradição como “linha de base”: a crítica do valor

Como sabemos, o conceito de *contradição* aparece de um modo distinto do que havia aparecido em toda a história da filosofia, no pensamento de Friedrich Hegel. O que distingue, fundamentalmente, a contradição, tal como ela aparece na filosofia de Hegel, é precisamente a *realidade* da contradição e não mais apenas sua existência lógico-semântica, tal como ela ainda era na história da filosofia ocidental de Aristóteles a Kant.

Não só as contradições podem ser reais, segundo Hegel, mas toda a realidade objetiva e subjetiva não pode ser devidamente apreendida fora do caráter fundamentalmente *contraditório* desta realidade. Para que possamos apreender a essência das coisas precisamos colocar em perspectiva contraditória tudo aquilo que está contido nessas coisas e que é negado para que essas coisas existam. Nas palavras de Hegel “‘Todas as coisas são em si mesmas contraditórias’ e, certamente, no sentido de que esse enunciado, diante dos demais, exprime antes a verdade e a essência das coisas” (HEGEL, 2011, p. 165).

Em Aristóteles, a tentativa de extinguir a contradição do pensamento, como uma “impossibilidade” que se deveria evitar logicamente leva a uma cadeia de causas e efeitos que termina na postulação de um primeiro motor imóvel. Entretanto, em toda a história da filosofia buscou-se restringir a contradição ao nível lógico-semântico de outras diferentes maneiras¹. Em Hegel, por seu turno, “...a contradição não tem de ser tomada meramente como uma anormalidade, que apenas apareceria aqui e ali, mas ela é o negativo em sua determinação essencial, o princípio de todo movimento de si, que não consiste em nada mais senão na exposição do mesmo”. O tempo e o caráter processual da existência implica na contradição como realidade, tal como Hegel o diz:

O próprio movimento exterior sensível é sua existência imediata. Algo apenas se move não pelo fato de estar aqui nesse agora e ali num outro agora, e sim na medida em que está e não está aqui em um e mesmo agora, na medida em que nesse aqui ao mesmo tempo está e não está. Temos de conceder aos antigos dialéticos as contradições que eles apontam no movimento, mas disso não decorre que então o movimento não é, e sim antes que o movimento é a própria contradição *existente* (HEGEL, 2011, p. 166).

A contradição, em Hegel, passa a ser algo a que não se deve apenas se extinguir lógico-semanticamente mas algo que se deve resolver processualmente.

¹ “Os lógicos tradicionais, mormente Kant, excluíram a possibilidade de contradições *objetivas*” (INWOOD, 1997, p. 81).

Karl Marx é legatário da concepção hegeliana de contradição realmente existente. Embora encontremos nos escritos de Marx diversas articulações do termo “contradição” parece-nos fora de dúvida que a crítica da economia política marxiana se constitui a partir da concepção pós-hegeliana de *contradição* para além da lógica e da semântica, no ser.

Ficou muito conhecida a passagem dos *Grundrisse* onde Marx afirma que “O próprio capital é a contradição em processo, [pelo fato] de que procura reduzir o tempo de trabalho a um mínimo, ao mesmo tempo que, por outro lado, põe o tempo de trabalho como única medida e fonte da riqueza” (MARX, 2011a, p. 588-589). Ao afirmar que o capital é, ele próprio, uma *contradição em processo*, fica muito claro a referência à concepção pós-hegeliana de contradição.

A premissa marxiana de *O Capital*, de que toda ciência seria supérflua caso a essência e aparência coincidissem (MARX, 2007), também ressoa alguns fundamentos da filosofia hegeliana. E tal é a “aparência” das coisas, neste sentido: a “riqueza da burguesia aparece, à primeira vista, como uma imensa acumulação de mercadorias e a mercadoria, tomada isoladamente, como a forma elementar desta riqueza” (MARX, 1983, p. 31). Aparentemente, a riqueza adviria do acúmulo de mercadorias sendo o dinheiro apenas um meio para obtê-las. Desde que o mundo é mundo existe a troca entre os grupos humanos, sendo a troca mercantil mediada pelo dinheiro apenas o modo mais evoluído desta troca. “A mercadoria, o dinheiro e o valor são coisas ‘óbvias’ que se encontram em quase todas as formas conhecidas de vida social a partir da pré-história. Pô-las em discussão pode parecer tão insensato como contestar a força da gravidade” (JAPPE, 2006, p. 23). Pois bem. O maior mérito de Marx, todavia, foi precisamente encontrar nessa aparência um “segredo”; um “segredo”, contudo, que estaria diante da vista de todos, bastando para isso que se compreendessem as coisas para além de sua aparência positiva, isto é, em sua *essência contraditória*. Marx portanto, colocou em questão tal suposta “força de gravidade”. Mesmo o marxismo, entretanto, deixou de apreender esta essência como tal ao longo de sua conturbada história, preferindo ver a contradição não nestas categorias elementares: mercadoria, dinheiro e valor, mas apenas no modo como estas estão desenvolvidas na realidade social, isto é, nos salários, nos preços, na mais-valia e na maneira conforme a qual estas eram distribuídos socialmente – portanto, quantitativamente – quando não na confusão entre contradição e antagonismo.

Na mercadoria encontramos uma identidade aparente do objeto de uma utilidade e/ou desejo e seu caráter de portador de um valor de troca. Entretanto, em sua essência, uma mercadoria é o resultado da existência *contraditória* de sua objetividade de uso e/ou desejo e sua objetividade como valor de troca. Em toda e qualquer mercadoria encontramos uma *contradição realmente existente* em operação.

Enquanto algo que carrega uma qualidade, uma mercadoria não pode ser trocada por outra que lhe seja diferente. Para que uma mercadoria possa ser trocada por outra em um mercado é preciso que haja algo que possa servir de medida, de um modo segundo o qual duas “qualidades” possam ser reduzidas a “quantidades” e, assim, serem trocadas. A partir daí as mercadorias podem ser trocadas por uma certa *ratio* quantitativa quando encontramos uma terceira grandeza que possa servir de parâmetro para as duas qualidades constantes nas mercadorias e que são, como qualidades, irredutíveis uma à outra. “Deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho” (MARX, 1996, p. 167). O que possibilita o fluxo interminável das mercadorias umas pelas outras é o fato de que são frutos do trabalho. Até aí a economia política clássica mais avançada, nomeadamente David Ricardo, já tinha ido. Marx, contudo, acrescenta o fato nada trivial de que se a mercadoria conta com esta dupla natureza – utilidade e valor de troca oriundo do trabalho humano² – também o trabalho humano que consagra valor às mercadorias é duplo. Este trabalho é, ao mesmo tempo, a atividade que molda a matéria-prima até que essa seja útil e/ou desejável para as pessoas, o que Marx chama de *trabalho concreto* e, por outro lado, é a dimensão da atividade humana que apenas transfere valor à mercadoria pelo dispêndio de energia e de inteligência humana genéricas, cuja medição como “tempo de trabalho” é único modo de lhe quantificar a grandeza³, que Marx chama de *trabalho abstrato*.

Esta dimensão bífida da mercadoria e do trabalho não existem “pacificamente” uma diante da outra, antes, assumem uma *processualidade contraditória*: o que determina a existência da atividade humana sob a forma de trabalho não é sua dimensão concreta, mas sua dimensão abstrata, isto é, trabalhamos não para satisfazer nossas necessidades e desejos concretos com os produtos de nosso trabalho (tal é a aparência não-contraditória das coisas!) mas para alimentar o mecanismo social-abstrato de valorização do valor com porções rentáveis de trabalho abstrato.

Assim, a mercadoria e o trabalho não podem ser compreendidos em sua essência sem que a *contradição* que lhes constituem seja desenvolvida. Não apenas no sentido lógico-semântico, mas ainda no sentido histórico-social. As dificuldades mais proeminentes de Marx com o começo de seu

² Conforme a análise de Marx em *O Capital* nos mostra, o “valor de troca” é apenas a forma fenomênica do “valor”. Portanto, a dupla natureza da mercadoria advém do fato de que ela é resultado da utilidade/necessidade e de seu valor.

³ “Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato” (MARX, 1996, p. 168).

estudo⁴ é precisamente captar as nuances contraditórias destas categorias pois são elas constitutivas e fundamentais na socialização capitalista baseada na mercadoria, no valor e no trabalho.

O antagonismo como “linha de base”: a luta de classes

A compreensão marxiana dos conflitos sociais próprios da sociedade capitalista tem como centro a formulação encontrada no *Manifesto do Partido Comunista*, escrito com Friedrich Engels, no qual se lê que “A história da humanidade até hoje é a história da luta de classes” (MARX, 2011b, p. 39).

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que o conflito social, e, por conseguinte, a “luta de classes”, como um tipo de conflito social, não recebe o tratamento conceitual de *contradição* em Marx. Este foi o equívoco que caracterizou grande parte do marxismo do movimento operário: o princípio de que os antagonismos sociais, e especialmente o antagonismo entre os trabalhadores assalariados da grande indústria e os proprietários do capital, se constitui em uma *contradição* e, mais do que isso, da “principal” *contradição* formadora das sociedades capitalistas.

Nossa hipótese é a de que o Marx maduro não “descobre” a luta de classes, sua natureza e seu desfecho, mas sim a *reinterpreta* no interior das categorias sociais capitalistas, cujo desenvolvimento histórico se manifesta como *contradição em processo*. Os antagonismos sociais são “grelhados” pela compreensão categorial do capitalismo como *contradição em processo*; assim, é a *contradição em processo* que dá contornos aos antagonismos sociais e não os antagonismos – e sobretudo, a luta de classes – que conforma a processualidade contraditória do capital, como a maior parte da história do marxismo acreditou.

À sociologia dos conflitos sociais compete estudar os antagonismos e conflitos sociais em sua generalidade. Em qualquer manual de sociologia dos conflitos podemos ler que:

Tudo em nós é conflito social. Eles são inerentes às relações humanas. Mas isto não significa que toda relação social é inteiramente ou mesmo parcialmente conflitiva *todo* o tempo. Nem significa que toda relação conflitiva subjacente será expressa com o mesmo grau e tipo de hostilidade ou violência. Conflitos variam em suas bases, em sua duração, em seu modo de configuração, em seus resultados e em suas consequências. (...) O foco da atenção se dá sobre o desenvolvimento de específicos conflitos sociais, de lutas e brigas, antes que no papel dos conflitos na vida social. É sobre contendas entre grupos de pessoas, e não entre grupos ou indivíduos agindo sozinhos. Finalmente, estamos mais preocupados com lutas nas quais a coerção e a violência é possível e provável, do que com aquelas que são tão

⁴ Conforme Marx escreveu no prefácio da primeira edição de *O Capital*, “Todo começo é difícil; isso vale para qualquer ciência. O entendimento do capítulo I, em especial a parte que contém a análise da mercadoria, apresentará, portanto, a dificuldade maior” (MARX, 1996, p. 129).

altamente reguladas que a violência não acontece. As maiores questões que pretendemos responder são destes domínios. Nós questionamos as condições sobre as quais se produzem lutas violentas. Queremos saber o que fazem os grupos acreditarem que eles têm objetivos incompatíveis. Queremos saber quão ofendidos os grupos estão quando buscam justiça. Nos perguntamos por que alguns grupos conseguem alcançar seus objetivos e outros não. Queremos aprender as consequências do conflito para as partes em contenda e do sistema maior do qual elas fazem parte, ainda que tais consequência não forem desejadas ou antecipadas por nenhuma das partes (KRIESBERG, 1976, s.p.).

Esta compreensão sociológica dos antagonismos sociais não pode se confundir, de modo algum, com o tratamento conceitual da *contradição* que encontramos em *O Capital* a respeito da forma da mercadoria e do valor. Entretanto, ao longo de sua história, foi justamente esse equívoco que *caracterizou* o marxismo, como um conhecimento da suposta “*contradição entre as classes*”. Em Lênin, por exemplo, a luta de classes aparece como a “*contradição*” fundamental de qualquer ciência social que se repute dialética. Nos seus cadernos sobre a dialética, ele escreveu o seguinte: “Na matemática: + e -. Diferencial e integral. Na mecânica: ação e reação. Na física: eletricidade positiva e negativa. Na química: a combinação e a dissociação dos átomos. Na ciência social: a luta de classes” (LENIN, [1915], 1976, s.p.). O ápice dessa confusão, talvez possa ser encontrado no conhecido texto de Mao Tse-Tung *Sobre a contradição*, escrito em 1937. Segundo ele:

Quando Marx e Engels aplicaram a lei da contradição inerente aos fenómenos ao estudo do processo da história da sociedade, descobriram a contradição existente entre as forças produtivas e as relações de produção, a contradição entre a classe dos exploradores e a classe dos explorados, assim como a contradição, daí resultante, entre a base económica e a superestrutura (política, ideologia, etc); e descobriram como essas contradições engendraram, inevitavelmente, diferentes espécies de revoluções sociais nas diferentes espécies de sociedades de classes. Quando Marx aplicou essa lei ao estudo da estrutura económica da sociedade capitalista, ele descobriu que a contradição fundamental dessa sociedade era a contradição entre o carácter social da produção e o carácter privado da propriedade. Tal contradição manifesta-se pela contradição entre o carácter organizado da produção nas empresas isoladas e o carácter não organizado da produção à escala da sociedade inteira. E, nas relações de classes, manifesta-se na contradição entre a burguesia e o proletariado (TSE-TUNG, [1937], 1975, s.p.).

Retomando esse ponto em comum com Lenin e com Mao Tse-Tung, o marxista ocidental Louis Althusser elaborou conceitualmente um “marxismo” fundado no antagonismo, que apesar de estar longe de qualquer sociologia científica do conflito social, se pretendia uma filosofia do antagonismo político e filosófico classista. Althusser afirmava que “toda a *teoria* de Marx, isto é, a *ciência* fundada por Marx (o materialismo histórico) e a *filosofia* aberta por Marx (o materialismo

dialético) têm por seu centro e núcleo a *luta de classes*". Deste modo, "A luta de classes é assim 'o elo decisivo' não só na prática política do movimento operário marxista-leninista, *mas também na teoria*, na ciência e na filosofia marxista" (ALTHUSSER, 1977, p. 69, grifos do autor).

Ainda que Althusser realize uma teoria fundada no antagonismo cuja justificação textual em Marx seja altamente duvidosa, o fato é que, se a crítica do capitalismo pretende ser algo além do que uma ideia sem nenhuma pretensão de realização material, ela precisa passar por uma larga e profunda compreensão dos conflitos e antagonismos sociais.

Antagonismo social e crítica do trabalho: Žižek diante de Postone

Não por acaso, é Moishe Postone quem arremata a discussão que eu segui até aqui ao escrever que:

Essa importante dimensão da contradição fundamental do capitalismo, tal como entendida por Marx, indica que não deve ser identificada imediatamente com relações sociais concretas de antagonismo ou conflito, tal como as da luta de classes. Uma contradição fundamental é intrínseca aos elementos estruturantes da sociedade capitalista: ela transfere ao todo uma dinâmica contraditória e gera a possibilidade imanente de uma nova ordem social (POSTONE, 2014, p. 51).

Postone reconstrói a crítica de Marx à abstração do trabalho e assim reconstrói o "alinhamento de base" acertado da observação marxiana segundo a qual o capital é uma "contradição em processo" pelo fato de que de que "procura reduzir o tempo de trabalho a um mínimo, ao mesmo tempo que, por outro lado, põe o tempo de trabalho como única medida e fonte da riqueza". Tal contradição remete, portanto, não a uma libertação *no* trabalho, onde, livre do jugo do capital, a classe trabalhadora tal e qual poderia construir um modo de socialização calcada exclusivamente neste; antes, se trata de uma superação do capitalismo que seja também uma libertação *do* trabalho, cuja existência se deve inexoravelmente ao próprio capitalismo. Portanto, para lá de uma derrota que a classe trabalhadora poderia infligir à burguesia, a superação do capitalismo precisa ser também a superação de uma socialização fundada no trabalho e, portanto, perderia a centralidade política e "ontológica" da classe trabalhadora que ainda é reclamada pelos marxismos tradicionais.

Slavoj Žižek propõe uma análise de algumas teses de Postone no terceiro capítulo de seu livro *Living in the End Times* (2011)⁵. A perspectiva žižekiana fica clara desde o início – se o quadro que

⁵ Seria pertinente questionar aqui a ocasião deste encontro de Žižek com a crítica do valor. O livro do filósofo esloveno, como o nome sugere, se ocupa de reflexões pertinentes quando nos encontramos à beira do abismo das crises do

expus até aqui faz sentido: “uma ressurreição da ‘crítica da economia política’ é o *sine qua non* da política comunista contemporânea” (2011, p. 185, traduzi todas as citações). A questão para ele aqui, portanto, é saber como incorporar a releitura postoneana de Marx com os predicamentos *políticos* de nosso momento, como se vê. Continuemos.

Žižek capta bem as linhas gerais das teses postoneanas. Percebe sua crítica do marxismo tradicional e de sua fixação por uma definição transistórica de trabalho e de produção econômica, entretanto reluta em admitir suas consequências. Em primeiro lugar, para Žižek, a crítica do trabalho *sans phrase*, tal como a propõe Postone – mas também a *Wertkritik* alemã – é uma recaída no *historicismo*. De acordo com o filósofo esloveno, assim como na categoria classe – não por acaso trazida à tona neste momento – a categoria trabalho, ainda que só emerja em estado “puro” na modernidade, tem um longo passado no qual a divisão de classes, todavia, apareceu “distorcida” nas diferentes formações sociais pré-capitalistas.

Todas as sociedades civilizadas foram sociedades de classe, mas antes do capitalismo sua estrutura de classes foi distorcida por um entrelaçamento de outras ordens hierárquicas (castas, estamentos e assim por diante) – apenas com o capitalismo, quando os indivíduos são formalmente livres e iguais, destituídos de todos os laços hierárquicos tradicionais, a estrutura de classes aparece “como tal”. É neste sentido (não-teleológico) que, para Marx, a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco. (...) Assim como para a abstração da classe, o mesmo vale para a abstração do trabalho, cujo status também é histórico (2011, p. 196-197).

Contudo, aqui precisamos lembrar que não se trata de historicismo apontar para o caráter fundamentalmente histórico da categoria trabalho que, neste particular, não se compara com a categoria classe. A tarefa de reconstrução de Postone opera a partir da seguinte premissa:

...a minha discussão do tratamento de Marx da contradição do capitalismo nos *Grundrisse* indica a necessidade de uma profunda reconsideração da natureza da sua teoria crítica madura: em particular, ela há de sugerir que a sua análise do trabalho no capitalismo é historicamente específica, e sua teoria crítica madura é uma crítica do trabalho no capitalismo, não uma crítica do capitalismo do ponto de vista do trabalho. Depois de estabelecer isso, terei condições de tratar do problema das razões pelas quais, na crítica de Marx, as categorias fundamentais da vida social no capitalismo são categorias do trabalho, o que não é de forma alguma evidente por si só, e não

capitalismo. Ele é dividido em cinco capítulos, que corresponderiam às cinco fases do luto, de acordo com a psicologia: a negação, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. O debate com Postone acontece no terceiro capítulo, isto é, na fase da “negociação” [*Bargaining*], onde ele faz uma intervenção nos problemas da economia política. Ora, do ponto de vista da crítica do valor, o mais interessante para esse propósito seria um confronto com a *Wertkritik* alemã, que possui uma teoria da crise muito mais desenvolvida do que a que podemos encontrar em Postone, embora sobre os mesmos pressupostos da crítica do trabalho Cf. (SCHOLZ, 2014)

pode ser justificado apenas indicando a óbvia importância do trabalho para a vida humana em geral (POSTONE, 2014, p. 37).

Assim, tendo a argumentação postoneana diante de nós, vemos que ao defender o suposto caráter “histórico” da categoria trabalho diante da crítica “historicista” de Postone, Žižek em verdade está defendendo a caracterização “transistórica” do trabalho enquanto que seu interlocutor é que, de fato, o caracteriza historicamente. Em decorrência desta suposta crítica e umbilicalmente ligada a ela, Žižek afirmará ainda que Postone “dispensa rápido demais a luta de classes com um componente da visão determinista-evolucionista do ‘marxismo’”.

Quando Postone interpreta a forma mercadoria como um transcendental a priori historicamente específico que estrutura toda a vida social, até e inclusive a ideologia, marcando-a em todos os seus aspectos com a “oposição antinômica” entre “o indivíduo livremente autodeterminado e a sociedade como uma esfera extrínseca de necessidade objetiva” ele reduz muito rápido a dimensão da luta de classes (antagonismo social) a um fenômeno ôntico que é secundário em relação à forma mercadoria. Ele, por conseguinte, falha em ver como a luta de classes não é um fenômeno social positivo, um componente ôntico da realidade objetiva: ela designa o limite mesmo da objetividade social, o ponto no qual o engajamento subjetivo co-determina o que aparece como realidade social (ŽIŽEK, 2011, p. 198).

Ora, retomando nosso ponto de partida – que encontramos no próprio Žižek – *a passagem acima representa claramente um modo de observar o objeto* – isto é, a sociedade capitalista – *na “linha de base” do antagonismo!* A partir desta “linha de base” a luta de classes como o antagonismo fundamental desta formação social é o *prius* a partir do qual as formas sociais são pensadas. Não é nenhum acaso, portanto, que Žižek recorra a Althusser em sua crítica a Postone após essa passagem. Foi Althusser quem, segundo ele, deixou-nos a lição de que a:

“...luta de classes” paradoxalmente *precede* as classes como grupos socialmente determinados, ou seja, que toda posição e determinação de classe é já um efeito da “luta de classes”. (Este é o porquê da “luta de classes” ser outro nome para o fato de que “a sociedade não existe” – não existe como uma ordem positiva do ser). Este também é o porquê de ser crucial insistir no papel central da crítica da economia *política*: a “economia” não pode ser reduzida a uma esfera da positiva “ordem do ser” precisamente na medida em que ela já é sempre política, na medida em que, a luta (política) de classes está no seu coração⁶. Em outras palavras, dever-se-ia ter em mente que, para um verdadeiro marxista, “classes” *não* são categorias da

⁶ Também não é nenhum acaso que Žižek recorra aqui à mesma imagem usada por Althusser em sua defesa da centralidade da luta de classes que, ainda que não estivesse no *texto* de *O Capital*, seria, todavia, segundo o filósofo francês, o “elo decisivo” de sua correta compreensão. Na exposição do modo de produção capitalista de *O Capital* não encontramos de modo textual a centralidade da “luta de classes”, contudo, ela estaria “no coração da própria produção” (ALTHUSSER, 1977, p. 71).

realidade social positiva, partes do corpo social, mas categorias do real de uma luta política que corta cruzado o inteiro corpo social, prevenindo sua “totalização”. É verdade, não existe um lado de fora do capitalismo hoje, mas isto não deveria ser usado para esconder o fato de que o capitalismo em si mesmo é “antagonístico”, sustentando-se em medidas contraditórias para se manter viável – e estes antagonismos imanentes abrem espaço para a ação radical (2011, p. 198-199).

Está bastante claro que, aqui, Žižek se filia inteiramente à “linha de base” do antagonismo político diante da paralaxe anticapitalista. Ao abraçar a filosofia althusseriana da luta de classes “ontológica” – que está associada sempre a uma concepção transistórica de trabalho, por suposto – o filósofo esloveno cumpre o ritual do marxismo tradicional em borrar a distinção entre contradição e antagonismo⁷. Afirmar que o capital é uma *contradição em processo* como o faz Marx é uma coisa, afirmar que o capitalismo é *antagonístico*, é outra coisa. Marx fez ambas, mas de modo algum foi “simétrico” no rigor e na abrangência de seu tratamento teórico-crítico: o tratamento teórico-crítico dos *Grundrisse* e de *O Capital* é sem dúvida muitíssimo mais o da contradição que do antagonismo⁸. As categorias formadoras da socialização capitalista, mais do que uma “esfera econômica”, são “fatos sociais totais” (Mauss) mas que, apenas o são na condição de *contradição em processo*. Deste ponto de vista da paralaxe – isto é, desta “linha de base” de observação – que é a do Marx dos *Grundrisse* e de *O Capital* em sua maior parte, os antagonismos são de fato “ônticos” (para usar uma expressão žižekiana), isto é, derivados. Entretanto, Žižek posiciona-se na outra “linha de base”: compreendendo a luta de classes como “ontológica”, tudo se passa como se as categorias formadoras da socialização fossem derivadas da luta antagonista que “corta cruzado” [*cuts across*] todo o corpo social.

É algo notável como o próprio Žižek, que propôs a compreensão do marxismo na chave da paralaxe, tenha se confundido tanto sobre a “linha de base” que o próprio Marx representaria nela.

Žižek critica certas proposições de Rancière e de Badiou. Em Rancière, da distinção entre política em sentido próprio, como a “emergência das singularidades como ‘parte-da-não-parte’” e a polícia, isto é, a “administração dos assuntos sociais”; e em Badiou, a política como fidelidade a um

⁷ É curioso notar o modo como Žižek mobiliza Hegel para sustentar suas teses althusserianas. O mesmo Hegel que Althusser julgava ter ultrapassado e expulso do marxismo verdadeiro.

⁸ E aqui poderíamos explicar o estranhamento de um resenhista recente de Postone. Segundo ele: “Contudo, para Postone, a crítica que poria essa contradição como *oposição social* efetiva, como práxis antissistêmica, não pode partir de “qualquer estrutura ou agrupamento social já existente”, de “nenhum dos termos da contradição básica capitalista”; a começar pela oposição sociológica clássica: segundo ele, a “*lógica de exposição* de Marx não defende a noção de que o proletariado é o sujeito revolucionário”. Afirmação estranha, soando a pura negação *lógica*, totalmente improvável, não textual e não histórica” (DUARTE, 2015, p. 91). O estranhamento do resenhista vem, dentre outras coisas, de sua insistência em não discernir contradição e antagonismo. Postone é claro a este respeito: “Assim, embora desempenhe um papel importante na dinâmica do desenvolvimento capitalista, o antagonismo entre a classe capitalista e a classe trabalhadora não é idêntico à contradição estrutural fundamental da formação social tal como comecei a articular” (POSTONE, 2014, p. 376).

Evento e o policiamento como um mero “serviço dos bens’ da sociedade”. Tais distinções, segundo ele, são insuficientes pois subestimam a esfera da economia e de sua crítica⁹. Entretanto, *o próprio Žižek permanece fundamentalmente nesta mesma “linha de base” da paralaxe quando lê Postone*. E isso explica, talvez, sua proposição tão próxima do marxismo tradicional, de um “Estado forte fundado em uma substância ética compartilhada” (2011, p. 200).

Embora não se afaste fundamentalmente desta “linha de base”, Žižek coloca uma tarefa ao pensamento que vai sim para além dos limites dela: a existência não de dois “objetos” para a crítica anticapitalista, a “economia” e a “política” – nas matrizes da contradição e do antagonismo, dizemos nós – mas de duas “objetividades”, de dois modos de se tomar a realidade concreta tanto para a teoria quanto para as práticas anticapitalistas.

O objetivismo do “marxismo” deveria então ser partido em dois: um considerando o a priori subjetivo-objetivo da forma mercadoria e o outro considerando o antagonismo trans-objetivo da luta de classes. A verdadeira tarefa é pensar as duas dimensões unidas: a lógica transcendental da forma mercadoria como um modo de funcionamento da totalidade social, e a luta de classes como um antagonismo que corta cruzado a realidade social, como seu ponto de subjetivação (2011, p. 201).

O próprio Žižek, todavia, não tem êxito nesta tarefa, o que não significa que ele esteja errado ao propô-la, muito pelo contrário, a nosso juízo.

Algumas observações de Žižek são bastante promissoras, a despeito do quadro geral de equívoco em termos de “linha de base” paralática. Ele conclui, ao ler Hegel e sua pertinência para a crítica da economia política, que o conceito marxiano de trabalho concreto que encontramos em *O Capital* é um tipo de duplicação da abstração que encontramos no trabalho abstrato (2011, p. 214), semelhante o que faz Robert Kurz na *Krisis* em 1995 (2003). Entretanto, como reprova a crítica postoneana da categoria trabalho, como vimos, ele não é capaz de tirar as profundas consequências que Kurz tira desta observação.

O que há para ser feito?

Embora as hipóteses que aqui propus estejam em um nível bastante etéreo, as consequências delas podem ser bastante práticas, como já o mostra o capítulo do livro de Žižek que estamos

⁹ Como nos ensinou o próprio Žižek “a ‘política pura’ de Badiou, Rancière e Balibar, mais jacobina do que marxista, divide com seu grande adversário os Estudos Culturais anglo-saxões, a degradação da esfera da economia. Ou seja, o que pretendem todas as novas teorias francesas (ou de orientação francesa) da política, de Balibar a Laclau e Mouffe, passando por Rancière e Badiou, é – usando termos filosóficos tradicionais – a redução da esfera da economia (da produção material) a uma esfera ‘ôntica’ privada de dignidade ‘ontológica’. Dentro desse horizonte, simplesmente não há lugar para a ‘crítica da economia política’ marxista...” (ŽIŽEK, 2006, p. 183)

estudando. Começemos com um exemplo sugerido pelo próprio filósofo esloveno: “Se, digamos, um movimento cooperativo de agricultores pobres em um país de terceiro mundo conseguir estabelecer uma próspera rede alternativa de produção, isto deveria ser celebrado como um genuíno *evento político*” (2011, p. 199). A importância do problema teórico-crítico da paralaxe anticapitalista é que o capitalismo, especialmente em tempo de crise, pode ser apreendido criticamente a partir de suas duas “objetividades”. No exemplo trazido por Žižek, o grupo de agricultores pobres do “terceiro mundo” que resolvesse criar uma rede cooperativa enfrentaria todo o tempo as restrições tanto *das formas e categorias sociais* (a dificuldade em organizar as atividades das pessoas para além do assalariamento; seus modos de apropriação para além do dinheiro e da mercadoria, a concorrência voluntária e involuntária com os mercados circundantes, etc.) quanto *dos antagonismos políticos* (o aparato de estado buscaria manter seu “monopólio da violência” e sua garantia da ordem e da desordem, grandes e médios proprietários de terra e pecuaristas se articulariam para garantir *que e por quanto* as terras sobre as quais vivem tais agricultores pobres permaneçam sob a forma de mercadoria com ações legais e ilegais, etc.). Em suma, o movimento cooperativo do exemplo de Žižek não seria apenas um “evento político”; se articulado com outras iniciativas bem-sucedidas de superação da restrição das formas sociais em grande escala, poderia se considerar uma forma socioeconômica emancipatória¹⁰, uma forma talvez embrionária de superação do fetiche capitalista. No plano concreto, estamos sempre em movimento entre estas duas dimensões que, entretanto, apresentam muitas dificuldades em serem pensadas juntas.

Quando Žižek afirma que “a verdadeira tarefa é pensar as duas dimensões unidas” temos que tomar tal tarefa também como prática. Quando nos colocamos na “linha de base” da política e do antagonismo – como aliás, o faz Žižek, como vimos – tudo se passa como se a “vontade política” e a “consciência e organização da classe” fossem os fatores mais importantes para se obter as vitórias no campo da política, não obstante esta ser concebida quase que inteiramente como o controle do aparato de estado. Esta é a tradição que a Nova Crítica do Valor – que está, indubitavelmente na “linha de base” da economia e da contradição – com toda razão chama de *politicismo* – e Žižek, neste sentido, é “politicista”. Por outro lado, ao ser levada a dar uma resposta acerca da transformação das lutas imanentes em lutas efetivamente contra as restrições do capital, a Nova Crítica do Valor quase que se restringe a uma resposta negativa, que nesse caso muito se assemelha a uma negação a responder. Contra a política, a antipolítica. A antipolítica, todavia, não é quase

¹⁰ Cf. KURZ, 2002.

nada além de “romper definitivamente e de forma inequívoca com toda e qualquer ‘política’ em sentido institucional” (JAPPE, 2013, p. 92).

A tarefa de pensar a práxis levando em conta o que eu chamo de paralaxe anticapitalista é a mais urgente de nosso tempo.

Considerações finais

Quando se trata de pensar o que há para ser feito diante de uma crise da sociedade do valor e do trabalho, o problema da paralaxe anticapitalista ganha ainda mais urgência. Ao contrário dos horizontes amplos ainda abertos para as lutas de classes do passado, a crise da “contradição em processo” de que falava Marx nos *Grundrisse* vem à tona com toda sua força socialmente destruidora e o horizonte das lutas de classes do passado não estão mais abertos – ou ao menos não estão do mesmo modo.

A crise aparece, para os que estão na “linha de base” do antagonismo, como pano de fundo. Alain Badiou afirmou recentemente sobre a crise atual: “Acredita-se, algumas vezes, que [a crise] é do capital financeiro. Mas não! De modo nenhum! O capitalismo está em fase de expansão global, e o faz maravilhosamente” (2015). Slavoj Žižek já tinha escrito que:

Estruturalmente, o capitalismo está sempre em crise, e é por isso que está em contínua expansão: ele só pode reproduzir-se “pegando emprestado do futuro”, em uma *fuite em avant* para o futuro. O ajuste de contas final, quando todas as dívidas são pagas, não chega nunca (2013, p. 163).

Assim, para ambos, ao fim e ao cabo, não há muito o que ver na “contradição em processo” em curso, mas apenas, como revela a frase seguinte desta passagem de Žižek, elaborar e participar de um Evento que faça emergir o antagonismo: isto é, “Marx propôs um nome para o ponto social de impossibilidade: ‘luta de classes’” (id.).

Penso que devemos enfrentar a dificuldade de construir um pensamento crítico radical capaz de realizar algo homólogo ao que os astrônomos chamam de “cálculo da paralaxe”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Posições (1964-1975)*. Tradução: João Paisana. Lisboa: Horizonte Universitário, 1977.
- BADIOU, Alain. *La crise : vraie et fausse contradiction du monde contemporain*. Disponível em: <http://www.liberation.fr/politiques/2015/04/13/la-crise-vraie-et-fausse-contradiction-du-monde-contemporain_1240409>, 2015.
- CIRNE-LIMA, Carlos. *Sobre a Contradição*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- DUARTE, Claudio. A potência do abstrato – resenha com questões para o livro de Moishe Postone. *Sinal de Menos*. nº 11, vol. 2, 2015.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- HEGEL, Friedrich. *Ciência da Lógica (Excertos)*. Tradução: Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- JAPPE, Anselm. *As Aventuras da Mercadoria – Para uma Nova Crítica do Valor*. Tradução: José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006.
- _____. *Crédito à Morte*. A decomposição do capitalismo e suas críticas. Tradução: Robson J. F. de Oliveira. São Paulo: Hedra, 2013.
- KARATANI, Kojin. *Transcritique - On Kant and Marx*. Tradução: Sabu Kohso. London/Cambridge: The MIT Press, 2003.
- KRIESBERG, Louis. *The Sociology of Social Conflicts*. Nova Jersey: Prentice Hall, 1973.
- KURZ, Robert. *Antieconomia e Antipolítica – Reformulação da emancipação social após o fim do “marxismo”* [1997]. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz106.htm>. 2002.
- LENIN, V.I. *On the question of dialectics*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1915/misc/x02.htm>. [1915], 1976.
- MARX, Karl. *Grundrisse*. Tradução: Mario Duayer e Nelio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011a.
- _____. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Leandro Konder. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- _____. *El Capital - Crítica de la economía política*. Madrid: Akal, 2007.
- _____. *O Capital - Crítica da Economia Política*. Tradução: Régis Barbosa e Flávio Kothe. Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

_____. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução: Maria Helena Barreiro Alves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1983.

NASCIMENTO, Joelton. Dois rostos ou um vaso – A paralaxe marxista como um problema em Žižek. *Sinal de Menos*. nº 10, 2014.

POSTONE, Moishe. *Tempo, Trabalho e Dominação Social*. Tradução: Amilton Reis e Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.

SCHOLZ, Roswitha. *Após Postone*. Disponível em: <<http://obeco.no.sapo.pt/roswitha%20scholz19.htm>>, 2014.

TSE-TUNG, Mao. *Sobre a contradição*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/08/contra.htm> , [1937], 1975.

ŽIŽEK, Slavoj. A visão em paralaxe. IN SADER, Emir (org.) *Contragolpes*. Seleção de artigos da *New Left Review*. São Paulo: Boitempo: 2006.

_____. *Living in the End Times*. Londres/Nova Iorque: Verso, 2011.

_____. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.